
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

SINTOMAS DO CONTEMPORÂNEO PELA MEDIAÇÃO
“ETNOGRÁFICA” DO JORNALISMO LITERÁRIO: ANOTAÇÕES
SOBRE OS TEXTOS DE NÃO-FICÇÃO DE DAVID FOSTER WALLACE

Lilian Reichert Coelho (UNIR)
lilian.reichert@pq.cnpq.br

RESUMO: Neste artigo, são analisadas três reportagens-ensaio-crônicas de viagem do escritor estadunidense David Foster Wallace, datadas de 1990 até princípios do século XXI. Nossa tese configura-se pela ideia segundo a qual tais textos são fruto do cruzamento entre o Jornalismo Literário e a antropologia do contemporâneo. Assim, a leitura apresentada sobre o corpus dirigiu-se, primordialmente, pelo conceito de não-lugar tal como desenvolvido por Augé (1994). Como resultado, em linhas gerais, tem-se que o escritor, ao atuar como jornalista e etnógrafo, captou sintomas significativos do mundo contemporâneo, tendo-os interpretado na fronteira dinâmica entre jornalismo, literatura e etnografia.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; narrativas de não-ficção; contemporaneidade; etnografia.

“Penso em mim como um escritor de não-ficção, e um escritor de ficção sem lá muita experiência, então se tem alguma gracinha por trás de vários ensaios do livro, essa gracinha é ‘Ai, puxa, olha só para mim, um não jornalista que foi enviado para cobrir essas coisas jornalísticas’.”

(Wallace em entrevista ao programa televisivo *The Charlie Rose Show* em 1997. In: Galera 2012: 10)

Exemplos de escritores que enveredaram pelo jornalismo pululam aos borbotões da enciclopédia composta entre os séculos XIX e XX, confundindo, sobretudo, aqueles que se arvoram pelas tipificações e taxonomias. Tais produções fustigam os artistas da palavra há muito tempo, pois são textos raramente enquadráveis nas engessantes nomenclaturas de gênero voltadas, em geral, à didatização ou à homogeneização. Em que pese tal esforço, já tão surrado por diferentes teorias e produções literárias

desde no mínimo meados da década de 1960, permanece a dificuldade e/ou a impossibilidade de classificar textos como *O povo do abismo* (1903), de Jack London; *O caminho para Wigan Pier* (1937) e *Na pior em Paris e em Londres* (1933), de George Orwell, ou *Os exércitos da noite*, de Norman Mailer, para citar apenas alguns exemplos notórios.

Impossível não mencionar que se trata de questão aporética essa dos gêneros e dos campos, bem como de suas interseções. Escritores, teóricos e jornalistas defendem posições distintas, até contrárias, sobre a existência desse *locus* comum. Isso ocorre, principalmente, em função do controverso conceito de objetividade utilizado pelo jornalismo moderno desde meados do século XIX para distingui-lo da literatura e proporcionar-lhe legitimação como campo autônomo. A ideia era de que os fatos poderiam ser captados pelo escrutínio do repórter, capaz de descortinar a chamada realidade factual caso fosse hábil no processo de verificação *in loco* das ocorrências.

No entanto, certo tipo de produção, situada na clivagem entre o jornalismo e a literatura, resistiu ao esforço positivista reinante no modelo que se tornou hegemônico no jornalismo. A essa produção diferenciada e não subserviente foram atribuídas diversas nomenclaturas como jornalismo literário, literatura de não-ficção, romance-reportagem, crônica, dentre outras. Em que pesem as nuances questão de maior relevância parece ser aquela que plana sobre os critérios de aproximação ou distanciamento dos campos em interação: que técnicas de coleta de informação e de escrita caracterizam textos que habitam essa zona intersticial entre jornalismo, literatura e etnografia, suplantando o chamado jornalismo de fatos? O que permite a aproximação epistemológica entre os três campos para além da narratividade, obviamente?

Os gêneros mais disseminados do jornalismo, melhor dizendo, aqueles que mais contribuíram para a configuração de um campo autônomo de produção discursiva, notadamente a notícia e a reportagem, exigem, em tese, que o autor colete informações presencialmente, vivencie de algum modo o fato a ser relatado, converse com seus atores ou testemunhas. Enfim, que vá para a rua, como se diz no jargão. Guardadas as diferenças, grosso modo, entende-se que o mesmo se espera de um antropólogo: que entre em contato com um grupo de outros e, na alteridade, se construa o olhar interpretativo (Geertz 1989) que lhe permitirá redigir seu relato, derivado de um ponto de vista subjetivo. Inevitavelmente, tal relato poderá ter vestígios de ficcionalidade, vez que se trata da interpretação da realidade pelo olhar de um ser humano, ainda que seja profissional devidamente munido de métodos e técnicas de lida em campo.

É nesse sentido que convocamos Sodré (2009: 154), para quem “a aproximação [entre jornalismo e literatura] ocorre em função da “estética do realismo objetivo”, pelo qual “fatos, gestos e diálogos passam de um suposto real-histórico para um real imaginado, com vistas à produção daquilo que Roland Barthes chamou de ‘efeitos de real’.” Assim, Sodré defende que a ficção não constitui prerrogativa exclusiva da literatura, e mais, que “a diferença se instala a partir da distinção dos contextos ou das situações comunicativas em que são recebidos tais enunciados, o que dá margem

a construções de linguagem e de sentido alternativas àquelas reconhecidas como senso comum inerente aos discursos sociais” (2009: 160-161).

Tal posicionamento é compartilhado por Bulhões, para quem a ficcionalidade constitui aspecto insuficiente para caracterizar a literatura, já que também “comparece a muitas outras manifestações que não propriamente literárias”; com efeito, pontua o autor, “a ausência de ficcionalidade não inviabiliza a realização literária” (Bulhões 2007: 17). Nesse sentido, seria o trabalho em filigrana com a linguagem que destacaria a literatura, conferindo-lhe o *status* de arte, notadamente pelo seu poder de fabulação e de criação. Tal capacidade estaria além da permissividade vigiada da realidade factual, que constrange tanto o jornalismo quanto o relato etnográfico, embora ambos também transmutem a realidade captada em discurso. Todorov (2003: 32) assevera que “A literatura goza evidentemente de uma posição particularmente privilegiada entre as atividades semióticas. Ela tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e como ponto de chegada; esta lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediada.”

Assim, considerando a mediação operada pela linguagem em uso, isto é, como elemento fundamental para a comunicação, questionamentos diversos apontaram a insuficiência da noção de literariedade do texto para definir e isolar distintivamente a ficção literária. Conforme pontua Sodré (2009: 168): “A tradicional ênfase no fenômeno literário como ‘texto’ isolado e investido de um sentido exclusivamente próprio não deixava ver as circunstâncias sócio-históricas responsáveis pela formação dos contextos em que transcorre a leitura.”

E é a partir da assunção desse sentido historicizante e socialmente ancorado que Connery (2008: 4) identifica o que denomina tensão fato-ficção, “que se tornou particularmente evidente em dois domínios da prosa americana: no jornalismo moderno e na ficção realista, ambos tendo emergido na segunda metade do século dezanove” [tradução nossa]. Em movimento genealógico rumo ao gênero – sem, entretanto, propor-se adentrar nesta inócua discussão –, Connery localiza os traços do jornalismo literário produzido no final do século XIX e início do XX, adensando pelas décadas em que ganhou algum contorno de relevância e reproduziu características que lhe conferiram personalidade. O autor sustenta o argumento segundo o qual, em diversos momentos, o jornalismo literário teria “reconciliado fato e ficção, realidade e linguagem, por ser um modo de expressão jornalística mais imaginativa do que convencional, ainda que menos inventiva do que a ficção.” [tradução nossa]

A partir dessa consideração algo generalizante, Connery (2009: 4) aponta o que identifica como características desse tipo de jornalismo de fronteira, a saber: interpretação do fato pela apresentação subjetiva, pessoal, de detalhes e impressões, fornecendo ao leitor outra versão da realidade, interpretação diferente da cultura, centralidade da descrição, apresentando não apenas os “simples” fatos, mas o sentimento sobre os fatos.

Kramer (1995) aponta o que denomina Regras Quebráveis para Jornalistas Literários, quais sejam: imersão no universo do assunto da reportagem; relação do jornalista literário com a fonte-assunto e com o leitor; jornalistas literários escrevem quase sempre sobre eventos rotineiros; a voz própria do jornalista literário; estilo claro e econômico; digressão; estruturação e significado construído entre autor e leitor. Evidentemente não são regras restritivas nem se trata de uma prescrição *tout court*, mas auxiliam na compreensão do gênero e de seu *modus faciendi*. Não há como negar que alguns aspectos apontados são comuns ao trabalho do etnógrafo na sua relação com o outro.

Assim, é no campo ambíguo e indefinido, marcado por disputas e embates, que se situa a produção do escritor estadunidense David Foster Wallace (1962-2008), cujos textos constituem o *corpus* deste artigo, composto por três reportagens-ensaios-crônicas de viagem (*vacation stories*, na denominação de Roiland, 2009), por assim dizer: *Pense na lagosta* (2004), *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo* (1993) e *Uma coisa supostamente divertida que eu nunca mais vou fazer* (1995), textos encomendados por revistas. Vale registrar, pela nota de Roiland (2009: 89-90), que:

nenhuma das críticas passadas ou dos obituários recentes [considerando o suicídio do escritor, em 2008] descrevem seus textos para revistas e jornais como jornalismo literário. Embora tal omissão possa apontar para a marginalização reinante do termo mais do que um equívoco intencional por parte dos críticos, é importante compreender que Wallace escreveu na tradição do jornalista literário porque a forma e seu campo de estudo fornecem todo um catálogo de abordagens para se entender suas narrativas em relação a suas críticas, discursos e ensaios. [tradução nossa]

A marginalização mencionada por Roiland deriva, justamente, do entre-lugar onde se situa o jornalismo literário, serpenteando por entre dois campos que disputam hegemonia em certos aspectos. Sobretudo no que diz respeito ao tensionamento entre realidade social e ficção. No entanto, Wallace resolveu para si mesmo a questão, ao referir que “a ficção amedronta, mas a não-ficção é mais difícil – porque se fundamenta na realidade e, hoje, o sentido da realidade é irresistível, amplo e complexo” (Roiland 2009: 91) [tradução nossa]

O escritor Daniel Galera selecionou e prefaciou, para a editora Companhia das Letras, alguns textos de David Foster Wallace publicados sob o título *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo* (2012). Conforme o prefácio, o objetivo da coletânea de “ensaios” é introduzir, apresentar o escritor estadunidense ao público leitor brasileiro (Galera 2012: 7-20), embora a mesma editora já tivesse publicado, no Brasil, em 2005, o livro de contos *Breves entrevistas com homens hediondos*, cuja “recepção por parte da crítica e do público brasileiros foi muito tímida” (Galera 2012: 8). Talvez isso se explique pelo fato de se tratar de um “conjunto desigual, permeado de explorações estilísticas e metaficcionalis, alterando momentos de poderoso envolvimento narrativo com exercícios de linguagem que podem funcionar para poucos (Galera 2012: 8). Os textos de Wallace selecionados para a antologia de 2012 e para outras

coletâneas publicadas nos Estados Unidos foram recolhidos, em geral, de revistas e outros meios impressos de divulgação nos quais o escritor publicou. Também de sua autoria são *Infinite Jest* (1996), *The broom of the system* (1987) e *The Pale King* (2011), publicado postumamente.

Fazem parte da coletânea publicada no Brasil os textos que constituem o *corpus* deste artigo, composto pelas três reportagens-ensaio-crônicas de viagem já referidas. Os temas são, respectivamente, o Festival da Lagosta do Maine de 2003, um cruzeiro de luxo em 1995 e uma feira agropecuária do Ilinois em 1992.

Considerada essa breve contextualização, apresentamos o problema que norteou a pesquisa aqui descrita, moldado pelo questionamento acerca dos modos como o escritor estadunidense David Foster Wallace estabelece, em seus textos de não-ficção, as relações entre literatura, jornalismo e etnografia, mais notadamente nos textos sobre viagens em que participa de acontecimentos sociais em ambientes pelos quais não tinha por hábito transitar. Ao menos é o que explícita como narrador.

A partir disso configurou-se a hipótese de trabalho, centrada na ideia segundo a qual o escritor, ao ser imbuído da tarefa de repórter, executa um trabalho etnográfico que perscruta traços sintomáticos da cultura e da sociedade contemporâneas por perspectiva subjetiva e crítica calcada nos fatos que presencia a partir da técnica da observação participante. A vantagem dessa técnica “reside na oportunidade de estar disponível para recolher dados ricos e pormenorizados, baseados na observação de contextos naturais” (Burgees 1997: 86). Wallace praticava a observação direta, natural e artificial, pois estava sempre *in loco*, vivenciando experiências que transcorriam como eventos sociais nas vidas das pessoas que observava. Ele não fazia parte de nenhum daqueles grupos, apenas “misturava-se”, a fim de coletar material para sua escrita. Seu procedimento de recolha, no entanto, não se constituía apenas de captação objetiva da realidade em observação, mas Wallace lançava toda a sua consciência crítica sobre as pessoas e os modos como fruía aqueles eventos sociais; por isso, as antologias, em geral, são entendidas como conjuntos de ensaios e não de reportagens. Até porque, grosso modo, o termo ensaio tem mais prestígio como gênero textual do que a reportagem, que pode ser confundida com a efemeridade do jornalismo noticioso diário. Em comum, os eventos abordados “envolvem a substituição do cotidiano pela fantasia, o que Wallace acreditava ser um fenômeno americano muito comum” (Roiland 2009: 91), [tradução nossa].

O crítico completa, afirmando algo que nos serve com índice para a interpretação das histórias analisadas:

O imperativo de estar presente é uma pista que perpassa toda a não-ficção de Wallace, das críticas, discursos e ensaios até seu jornalismo literário. Por exemplo, nas suas três histórias de viagem as pessoas se satisfazem no escapismo. Elas permitiram esquecer para fechar as portas de suas consciências e, em troca, elas se sentem felizes – ou, ao menos, acreditam que estão felizes. (Roiland 2009: 92)

Este parece mesmo constituir o argumento comum que envolve as três reportagens-ensaio-crônicas de viagem: o olho observador do escritor-jornalista-antropólogo perscruta comportamentos e descortina tendências que sua consciência crítica entende como sintomas nefastos do tempo presente. Assim, no intuito de melhor compreender o material selecionado, a leitura aqui empreendida ancorou-se em teóricos que, de algum modo, consideramos partilhar a perspectiva de Wallace sobre aspectos da sociedade contemporânea como Zygmunt Bauman e Raymond Williams que, a rigor, podem parecer antagônicos, mas se intersectam especificamente nos aspectos aqui trabalhados. Sobre Jornalismo Literário e suas implicações, utilizamos como balizas as contribuições de Muniz Sodré, Mark Kramer, Marcelo Bulhões e Joshua Roiland. No entanto, a ênfase conceitual recai sobre a noção de não-lugar desenvolvida por Marc Augé (1994), por julgarmos a mais afinada com o sentimento enunciado por Wallace nos textos que compõem o *corpus*: tristeza pela consciência sobre a inconsciência alheia e o gregarismo irrefletido.

Augé (1994: 86) define não-lugar como a relação de complementaridade entre duas realidades diferentes: espaços erigidos a partir de finalidades específicas e como os indivíduos os interpretam e os usam. Sua marca distintiva, em contraponto aos lugares antropológicos tradicionais, por assim dizer, é a impossibilidade de criação de um social orgânico, produzindo apenas “tensão solitária”. São exemplos lugares de passagem como aeroportos e estradas. No caso das narrativas de Wallace aqui apreciadas, seriam as feiras e o cruzeiro. Nesses não-lugares, as relações sociais não podem ser estabelecidas a partir de vínculos duradouros, não se mantém a afetividade; há apenas um aglomerado de pessoas que não se conhecem, mas que partilham momentaneamente o mesmo espaço para certa finalidade. No caso, divertir-se; na visão do escritor, fugir da realidade. Desse modo, tais espaços funcionam como *cloakroom communities* (algo traduzível como comunidades guarda-casacos), termo referido por Bauman (2001: 227) para definir espetáculos que promovem meras aglomerações humanas, mas não efetiva reunião de indivíduos diferentes por interesses compartilhados. Sendo assim, “a ilusão de compartilhar que o espetáculo pode gerar não dura muito mais que a excitação da performance” (Bauman 2001: 228-229). Conforme Augé (1994: 95), “não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude”. Expressa isso o trecho abaixo, extraído de *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*, sobre uma feira agrícola do Meio-Oeste estadunidense da qual Wallace participou em 1993 em missão encomendada pela revista *Harper's*:

E essa Feira – a ideia e agora a realidade dela – parece mesmo ter algo especificamente relacionado com o estado-enquanto-comunidade, um estar-junto em grande escala. E não é somente o bolo claustrofóbico de pessoas esperando para entrar. Não consigo apontar o que a Feira Estadual de Illinois tem de especialmente comunitário em comparação com, digamos, a Feira Estadual de Nova Jersey. (Wallace 2012: 33)

O recurso encontrado para amenizar o estranhamento que o narrador evidencia no texto (pensemos no leitor: trata-se de um americano com certo capital cultural, da Costa Leste americana), mesmo tendo nascido e vivido uma parte da vida naquele local, foi convocar uma suposta amiga de infância para ciceroneá-lo pela feira. Ele a denomina Acompanhante Nativa e a analisa como metonímia de todos os outros frequentadores da festa. Do ponto de vista retórico, tal mecanismo satisfaz, pois confere credibilidade (sendo também nativo daquele lugar, ele bem poderia ter uma amiga de infância) em relação não apenas à verossimilhança – que bastaria a um texto literário –, mas também à veracidade, obrigatória para um texto jornalístico e para um relato antropológico.

Nesse sentido, observamos que o posicionamento dos narradores de Wallace – ao menos nos três textos em foco – é construído a partir de um artifício que é se mostrarem sempre surpresos com o que veem diante de si. Isso os aproxima dos leitores – ainda mais se considerarmos o público-alvo da revista que encomendou o texto –, pessoas que vivenciam a realidade dos grandes centros urbanos e não americanos de classe média do interior profundo do país. Os narradores estabelecem esse estranhamento e o sustentam a fim de interpretar negativamente não um nativo exótico, mas os próprios compatriotas, analisando, por tais casos particulares, apresentados como microcosmos, a sociedade em processo de deterioração. Lembremos que os textos são da década de 1990 e do início dos anos 2000, quando emergem práticas e discursos reunidos sob o rótulo de globalização. E, sobre o cenário que se constrói diante de seus olhos, do qual participa como espectador privilegiado, pois ditado da consciência que os outros ao redor demonstram não ter, o escritor asperge comentários ao longo dos textos, tais como: “Não é acidental que sejam tão brancos e limpos [os navios], pois têm a intenção clara de representar o triunfo calvinista do capital e do esforço sobre a ação do decompositora primordial do mar.” (Wallace 2012: 112) E, partir disso, tece um longo comentário relacionando os mimos, os divertimentos, a excitação oferecida no cruzeiro a uma forma de afastamento da morte, apontando também a inerente contradição de se estar em alto mar num mega navio. As descrições e os comentários são muito próprios, altamente subjetivos e críticos.

Em vários aspectos, entendemos que Wallace atua como um antropólogo do presente, o que mantém relações orgânicas com as realidades transformadas em cenas com evidente poder descritivo, sempre exaustivamente comentadas, mesmo que contenham adições de ficção. E essa é uma das características apontadas por Augé sobre os não-lugares criados pela contemporaneidade, pois se configuram como espaços que “se vivem no presente”, como se a história fosse suspensa, sem anterioridades nem posterioridades. Apenas o momento da fruição oferecida – pela qual se paga em dinheiro – importa para o esquecimento que se almeja. Tanto é assim que, no texto *Uma coisa supostamente divertida que eu nunca vou fazer de novo*, Wallace analisa demoradamente o prospecto da empresa de cruzeiros marítimos com rotas para o Caribe a partir do verbo que mais nota repetido: *mimar*, *pamper*, em inglês (Wallace 1998).

A publicidade também é alvo privilegiado da consciência crítica do escritor, assim como o turismo, expressão de um tipo de sociedade em fermentação e que adquire delineamentos drásticos na opinião de Wallace no presente em que escreve, principalmente no que diz respeito a questões de natureza ética, mais evidente no texto *Pense na lagosta* (2004), mas não menos importante nos outros dois. Com o objetivo de desnudar a ilusão, o falseamento e provocar a manutenção da falta de consciência requerida pelos pagantes pelo mimo excessivo oferecido pelas grandes corporações, Wallace utiliza um alto senso irônico, típico de narradores que demonstram reiteradamente distanciamento e ojeriza ao padrão vigente na sociedade e na cultura modernas. Na base, reside o argumento segundo o qual tudo não passa de uma espécie de autoalheamento típico da contemporaneidade. Muitas vezes, tal ideia é exposta por outra instância que não a narradora, mas a enunciadora, por meio do recurso a extensas e saborosas notas de rodapé. Raymond Williams ajuda a compreender as críticas de Wallace em relação à publicidade e ao turismo, ao afirmar que

é nítido que possuímos um padrão cultural no qual os objetos não se bastam, mas devem ser validados, mesmo que apenas na fantasia, por associações com significados sociais e pessoais que, em um outro padrão cultural, poderiam estar disponíveis de maneira direta. A breve descrição do padrão que possuímos é *mágica*: um sistema altamente organizado e profissional de persuasão e satisfação, funcionalmente bastante similar aos sistemas mágicos em sociedades mais simples, mas estranhamento coexistindo com uma tecnologia científica altamente desenvolvida. (Williams 2011: 252-253)

Uma cultura em transformação ou em plena asseveração dos valores que vinham se avolumando desde os anos 1980. É esse o ambiente sócio-histórico-cultural que Wallace tenta interpretar, constituindo uma espécie de mosaico dos elementos que melhor definem, na sua concepção, o padrão mencionado por Williams. E o que mais parece convocar a atenção do escritor-jornalista-antropólogo é a relação entre o profissionalismo das empresas, da publicidade e dos funcionários e a necessidade de alheamento que os participantes buscam por si próprios, como critica Bauman:

É dito com frequência que o mercado de consumo seduz os consumidores. Mas para fazê-lo ele precisa de consumidores que queiram ser seduzidos (assim como para comandar os operários o dono da fábrica precisava de uma equipe com hábitos disciplinadores, com a obediência às ordens firmemente estabelecida). Numa sociedade de consumo que funcione de forma adequada os consumidores buscam com todo empenho ser seduzidos. (1999: 92)

É como se houvesse um acordo tácito sustentado pela falsidade, pela mentira, pela ilusão não só consentidas, mas almejadas. Numa nota de rodapé inserida no texto *Uma coisa supostamente divertida que eu nunca vou fazer de novo*, Wallace analisa de modo contundente a brochura publicitária sobre a viagem no cruzeiro de luxo:

A fantasia que estão vendendo é justamente o porquê de todos que aparecem nas fotos do folheto terem expressões faciais ao mesmo tempo orgásticas e estranhamente relaxadas: essas expressões são o equivalente facial de um ‘Aaaaaahhhhhhh’, e este som não é apenas aquele da porção Infantil de alguém exultando ao finalmente receber absolutamente todos os mimos que sempre quis, mas também o do alívio que todas as outras porções de uma pessoa sentem quando a porção Infantil enfim *cala a boca*. (Wallace 2012: 182)

O trecho acima talvez seja insuficiente, mas, como pontua Roiland (2009: 90), a escrita de não-ficção de Wallace mostra como “o desespero resulta em consciência”, o que seria, inclusive, o caso dele como alguém desajustado nesse mundo sobre o qual tem muitas opiniões aprofundadas, muitas interpretações sagazes, mas nenhum controle. Ele mesmo, como observador participante, em muitos momentos demonstra sentir-se impelido a usufruir do que esses espaços e eventos oferecem, mas a consciência, sempre explicitada, tende a frear qualquer impulso. Trata-se, evidentemente, de um recurso retórico, voltado para criar empatia e manter a atenção e o interesse dos leitores. Afinal, são textos de longa extensão produzidos originalmente para circular em revistas jornalísticas.

Do trabalho jornalístico-etnográfico de Wallace parece ressaltar o desejo de uma militância individual rumo a uma ética alternativa nesse mundo onde se impõem valores que não partilha. No entanto, os narradores não entendem essa ética como alternativa, mas como a verdadeira ética, da qual a maioria das pessoas que compactuam com o sistema imposto não desconfia, não problematiza. Daí a sensação de isolamento social, cultural e moral e o sofrimento que transparecem dos textos em estudo. Roiland (2009: 96) pondera que, “talvez, o desafio mais entranhado aqui é formar e honrar um rigoroso e justo contrato com o leitor, que envolve honestidade e consciência. Isso para que o leitor tenha a impressão geral de que o narrador, que é, antes de tudo, engajado, está tentado Dizer a Verdade” [tradução nossa].

O que incomoda mais Wallace nesses não-lugares é seu caráter artificial, pois criados e “maquiados” pelo interesse de mascarar a realidade que ninguém tem interesse em ver. Trata-se apenas de fruir de modo hedonista o que a sociedade de consumo tem a oferecer, basta pagar o preço em dinheiro e em falta de consciência. A lobotomia consentida pela tecnologia e pelas formas contemporâneas de distração reverberam os valores de um mundo no qual o escritor e seus narradores parecem não encontrar pouso, avessos que são às ofertas de entretenimento fácil e desprovido de conteúdo. Portanto, “dizer a verdade” constitui esforço inútil em relação aos incautos que formam as comunidades nada gregárias observadas por Wallace. Porém, os recursos empregados e o tipo de interpretação da cultura “doméstica” convencem e delicia os leitores preferenciais das revistas e dos livros onde os textos foram publicados, pois estabelecem um pacto fiduciário angariado não apenas pelo estilo e pela destreza na escrita, mas pelas estratégias jornalísticas e etnográficas empregadas e expostas a nu nas narrativas.

Desse modo conclui-se que é bem sucedido na difícil empreitada de articular os três campos que tanto têm em comum, mas dificilmente se engrenam de modo tão

orgânico como nas reportagens-ensaio-crônicas de Wallace, cujos textos, de fato, não se enquadram em qualquer nomenclatura, em nenhum rótulo, de gênero textual ou de qualquer outra natureza. Os três textos analisados podem ser classificados como reportagem, ensaio, crônica de costumes, relatos etnográficos, mas nada disso importa ante a amplitude e o alcance da interpretação apresentada sobre elementos não só típicos como originais da contemporaneidade.

OBRAS CITADAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

COELHO, Lilian Reichert. Tensões entre fragmentos de evidência, suspensão do urgente e realização estética no Jornalismo Literário. Aroldo José Abreu Pinto, Benjamin Abdala Júnior e SILVA, Agnaldo Rodrigues da Silva, orgs. *Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteiras*. São Paulo: Arte e Ciência, 2013. 241-270.

CONNERY, Thomas B. A third way to tell the story: American Literary Journalism at the turn of the century. Norman Sims. *Literary Journalism in the twentieth century*. Evanston: Northwestern U P, 2008. 3-20.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KRAMER, Mark e Norman Sims, eds. *Literary Journalism – a new collection of the best American Nonfiction*. New York: Ballantine, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero – a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROILAND, Joshua. Getting away from it all: The Literary Journalism of David Foster Wallace and Nietzsche's concept of Oblivion. *Literary Journalism Studies* 1.2, Fall 2009. Disponível em: http://www.ialjs.org/wp-content/uploads/2009/05/ljsvol_1no_23/ljs_nov20_final.pdf#page=89. Acesso em 28 de setembro de 2014.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TODOROV, Tzvetan. Linguagem e Literatura. *Poética da Prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 31-44.

WALLACE, David Foster. *A supposedly fun thing I'll never do again – essays and arguments*. New York: Back Bay, 1998.

———. *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. Trad. Daniel Galera e Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

SYMPTONS OF THE CONTEMPORARY WORLD THROUGH THE ETHNOGRAPHIC MEDIATION OF LITERARY JOURNALISM: NOTES ON NONFICTION NARRATIVES BY DAVID FOSTER WALLACE

ABSTRACT: In this text I analyze three travel reports-essays-chronicles produced in the 1990s and in the beginning of the 21th Century by the north american writer David Foster Wallace as in between Literary Journalism and contemporary Sociology. The *corpus* is read from the idea of non-place, as developed by Augé (1994). As results, I point out that the writer on focus performing as journalist and ethnographer has captured some significant symptoms of the contemporary world.

KEYWORDS: literary journalism; nonfiction narratives; contemporary; ethnography.

Recebido em 30 de setembro de 2014; aprovado em 20 de dezembro de 2014.